

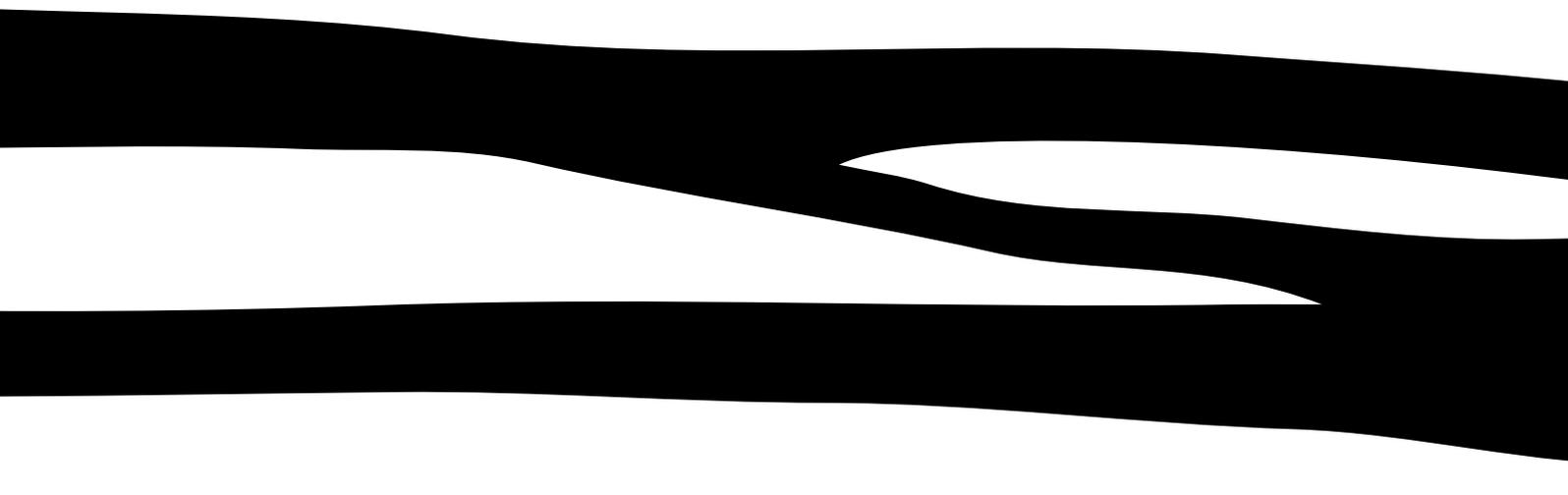
IN MEMORIAM



**Antonia dos
Santos Garcia:**

**teoria e práxis
feministas ao vivo e a cores¹**

NEIM /UFBA



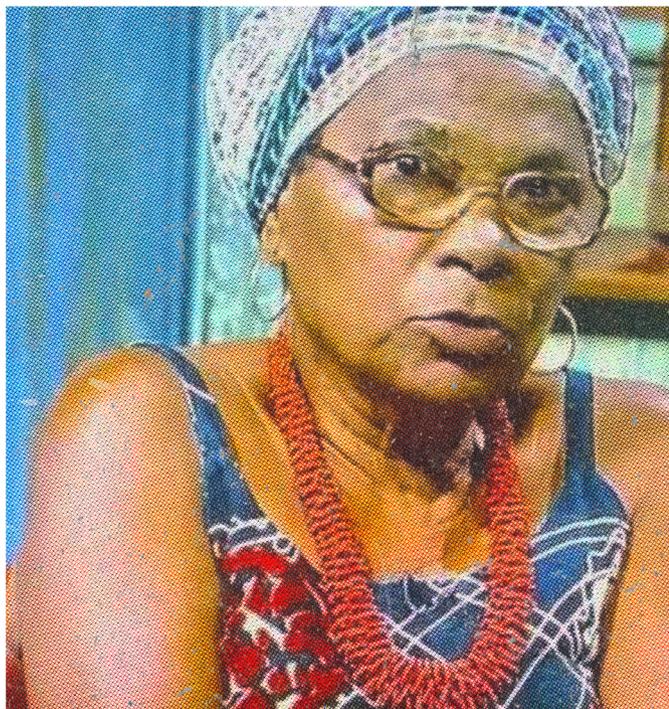


Figura 1: Antonia dos Santos Garcia Fonte: G1 Bahia, 2021

Com certa surpresa e muita comoção, tomamos conhecimento do falecimento de nossa companheira militante e pesquisadora Antonia dos Santos Garcia, no dia 5 de dezembro de 2021. Este dia 5 ficou marcado para o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como um dos mais difíceis e dolorosos dias deste já difícil e impensável ano! Perdemos ANTONIA DOS SANTOS GARCIA, nossa companheira de muitas lutas, pesquisadora associada ao nosso Núcleo e um exemplo de superação, coragem e dedicação à construção da justiça social em nosso país!

→ Onde tudo começa

Antonia Garcia nasceu em Cachoeira, Estado da Bahia, em 13 de junho de 1948 (dia de Santo Antônio), e conforme suas palavras:

“Minha ancestralidade negra deve-se provavelmente a grupos de escravizados e a descendência indígena de grupos étnicos que predominaram no Recôncavo.

Fui filha de um carpinteiro e uma dona de casa.

Aos 15 anos, em 1963, durante o governo de João Goulart, participei do treinamento realizado pelo Movimento de Educação de Base (MEB) para alfabetização de adultos pelo rádio. A sala de aula foi montada na sala de visitas de nossa casa, com a contribuição da comunidade, e eu ministrava o curso. Em abril de 1964, o rádio se calou e não sabíamos por quê. Por esta experiência, acabei sendo professora no Grupo Escolar da Vila de Belém, quando faltou professora e a Prefeitura não a substituiu”

Por volta de 1966 Antonia foi selecionada para fazer um curso de enfermagem, como parte do trabalho de base da Juventude Agrária Católica, a JAC. Fez o curso de parteira em Cachoeira e estágios subsequentes em Feira de Santana, sendo escolhida para dar continuidade ao trabalho da JAC.

“Segui este caminho e tornei-me coordenadora nacional da JAC, e fui aprendendo mais sobre as causas das desigualdades sociais (as raciais e as de gênero não eram tratadas).

Participando da Coordenação Nacional da Ação Católica pela JAC participei de muitos eventos locais, regionais e nacionais, inclusive como coordenadora, mas, em crise, a Ação Católica, e particularmente a JAC, buscava formas mais eficientes de atingir o povo, pois considerava que suas ações estavam excessivamente difusas, sem consolidar o processo organizativo de base. Assim, a saída pensada pela equipe foi realizar um trabalho assistencial, perfeitamente compatível com a ação da Igreja, e tornei-me parteira em Cabaceiras do Paraguaçu, onde durante dois anos fizemos muitos partos nas condições precárias do lugar, com muito entusiasmo, muita utopia, achando que a esquerda no mundo inteiro conseguiria a sonhada revolução, embaladas pelo legado de 1968”.

Teoria e práxis feministas: muito mais que um slogan

No início dos anos 1970, Antonia veio para Salvador, acabando por fixar residência no Subúrbio Ferroviário de Plataforma em 1977, onde desenvolveu um intenso trabalho comunitário nesta antiga vila operária, iniciando por reunir as mulheres para lutar por melhorias no bairro e fundando a Associação de Mulheres de Plataforma.

O trabalho de bairro acontecia não só em Plataforma e juntamente com outros companheiros ligados a diferentes associações uniram-se e fundaram a Federação das Associações de Bairros de Salvador (FABS). Dentre estes cita-se: Sr. Leonidio, da Associação de Jaqueira do Carneiro; Sr. Nelson, da Associação Alto da Teresina; Antonio Lazzarotto, da Associação Beira Mangue; Vera Lazzarotto, da Associação Beira Mangue; Tania Nogueira, da Associação Luís Anselmo; Claudio Primo, da Associação de Bom Juá; Mário Nogueira, da Associação de Luís Anselmo; José Alves, da Associação Marechal Rondon (Zé Guarda); Jorge Pimentel, da Associação de Pero Vaz. Esta Federação travou diversas lutas por melhorias na cidade, apoiando o trabalho de bairro. Motivada por isso, a Associação de Mulheres converteu-se na Associação dos Moradores de Plataforma (AMPLA), ampliando suas lutas e suas conquistas.

Ainda sob a Ditadura Militar, que, no entanto, vivia seus estertores e na ausência de uma atividade político partidária ativa, as pessoas ficavam muito motivadas em atuar junto à atividade política de movimento de bairros. Foi um período muito fecundo de atividade política, com as pessoas de base participando ativamente. Havia um grupo que acompanhava este trabalho e se reunia em uma casa da paróquia em Escada (outro bairro do Subúrbio), à margem da Baía de Todos os Santos. Antonia e pessoas do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), Pe. Gaspar e Pe. Oliveira, acabaram fundando a Associação de Cooperação Comunitária para Áreas Problemas de Salvador (ACCAP), que captou projetos no exterior e apoiou os movimentos de bairro.

Além da AMPLA e da FABS, instituições que ela ajudou a fundar, além de participar de seus Colegiados por várias gestões (não havia "presidentes"), Antonia também contribuiu ativamente com a Confederação Nacional das Associações de Moradores (CONAM) como fundadora e diretora da Comissão de Saúde. Foi também fundadora e diretora por vários anos do Centro da Mulher Suburbana (CEM), posteriormente de Salvador e, por fim, Centro da Mulher Baiana.



Figura 2: Antonia Garcia (candidata à vereadora) com Lula (com adesivo de Pelegrino, candidato a prefeito) e Zélia de Plataforma. Fonte: Acervo pessoal

O NEIM começou sua parceria com Antonia Garcia a partir da AMPLA, que estava sob sua liderança no desenvolvimento do projeto de Criação do Centro da Mulher Suburbana, que teve o apoio da Fundação Ford e resultou, dentre outras ações, na publicação do livro "Creche Comunitária: Uma alternativa Popular", organizado por Ana Alice Costa (1991). Neste mesmo período, Antonia concluiu o curso superior de Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. Logo depois concluiu o mestrado, em 2001, seguindo-se o doutorado, no Rio de Janeiro, em 2006.

O movimento por creches públicas embalou os movimentos sociais de mulheres, especialmente de bairro, onde atuavam mulheres pobres e negras, sendo muitas arrimo de família. Em 1983 foi lançada a Campanha Unificada por Creches em manifestação coordenada pela FABS em Salvador, seguindo um movimento que ocorreu em todo Brasil e levou à Constituinte estas reivindicações, tornando-se lei na Constituição de 1988. Com efeito, o debate sobre a importância da creche na liberação das mulheres e a responsabilização do Estado e da sociedade sobre a educação infantil tornou-se, constitucionalmente, "Um Direito da Criança e um Dever do Estado".

Uma longa parceria se desenvolveu desde então entre a equipe do NEIM e Antonia, culminando com sua entrada definitiva no nosso núcleo como pesquisadora associada, tendo ela também desenvolvido estágio pós-doutoral no Programa de

Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA), em 2010. Também ministrou disciplinas e orientou trabalhos de conclusão de curso de mestrado, participando de várias bancas de mestrado em Salvador, Rio de Janeiro e outros estados.

Suas lutas nos bairros levaram-na a uma atuação político-partidária, tendo sido uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores (PT) na Bahia, tornando-se Secretária das Mulheres de Salvador e destacando-se como primeira mulher negra a ocupar a presidência do partido, também em Salvador.

Ainda pelo Partido dos Trabalhadores, candidatou-se à Assembleia Legislativa da Bahia e, posteriormente, à Câmara de Vereadores de Salvador, não chegando a eleger-se, mas concorrendo, por certo, com um dos mais pertinentes slogans de campanha: "ANTONIA Garcia, mulher de raça!"

Ela escreve:

"Em 2007, aceitei um convite para ser subsecretária da reparação - SEMUR - em Salvador. Estava louca para voltar do Rio de Janeiro, onde fiquei com meu marido por seis anos (quando fiz o doutorado na UFRJ). Voltei com tanto entusiasmo, feliz por retomar minha militância, mas logo vieram os problemas de extrema competição no interior da SEMUR."

Se foi difícil conquistar o espaço no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde fez o doutorado, esse outro lado da discriminação foi muito duro para Antonia. No entanto, ela continuou sua trajetória:

"Fui secretária até abril de 2008, quando o PT resolveu sair do governo. Durante este período fiz o tratamento do câncer com radioterapia e, como tomei anticoagulante durante seis meses, muitas vezes nas reuniões, inclusive com o prefeito, havia sangramento que me obrigava a sair (das reuniões)."



Agregando sua militância a práxis acadêmica

Aos 36 anos e com três filhos, Antonia Garcia entrou no curso de Ciências Sociais na UFBA e já na monografia iniciava o estudo científico da sua práxis, sob a orientação da professora Inaiá Carvalho, o que resultou na publicação: "Rompendo as amarras: o movimento de mulheres na periferia de Salvador" (GARCIA, PACHECO e LOPES, 1992).

“Como militante dos movimentos urbanos, especialmente do movimento de mulheres populares, busquei na academia compreender a cidade, palco das nossas lutas. Verifiquei que a produção marxista sobre a cidade não deu conta de outras dimensões da opressão social, tais como gênero e raça. Contudo, os movimentos sociais que emergiram no maio de 1968 produziram uma série de questões novas dentro e fora do marxismo, levando a pensar sobre determinadas dimensões do conflito capital e trabalho que não estavam apenas nas relações de produção. Estes avanços, contudo, não atingiram os estudos urbanos e, ao fazer o mestrado e doutorado, tentei compreender outras dimensões da opressão mesmo dentro dos movimentos feministas e antirracistas, que também não compreenderam e/ou priorizaram a dimensão espacial das desigualdades que os movimentos sociais urbanos, pela própria natureza do seu ativismo, colocavam.

Como ativista desses movimentos, tinha enormes dificuldades de compreender a ‘mulher universal’, não encontrada nos movimentos de bairro, cuja base social e racial negra era subsumida na categoria mulher e, mais recentemente, gênero.”

Este debate aparece então na sua dissertação de mestrado em Geografia na UFBA: “As Mulheres da Cidade d’Oxum: Relações de Gênero, Raça e Classe: e a Organização Espacial do Movimento de Bairro de Salvador”, publicado pela EDUFBA, Salvador, em 2006, e na sua tese de doutorado no IPPUR/UFRJ: “Desigualdades Raciais e Segregação Urbana em Antigas Capitais: Salvador Cidade d’Oxum e Rio de Janeiro, Cidade d’Ogum”, publicado pela Garamond, Rio de Janeiro, em 2009, com apoio da FAPERJ por ter conquistado a “Bolsa Nota 10”.

Neste livro, Antonia Garcia trabalhou os microdados do Censo de 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com recorte de raça, e dados georreferenciados para mostrar, de forma insofismável, como o espaço das cidades modernas e seus serviços repetem a divisão entre casa grande e senzala, entre ricos e pobres, entre brancos e negros.

→ Trabalho inovador, no IPPUR:

“As dificuldades de tratar da questão racial e de gênero foram grandes, mas meu orientador, Luiz Cesar Ribeiro, aceitou minha proposta de tese sobre as desigualdades raciais, com a limitação da pesquisa às categorias classe, raça e espaço. Segundo ele, acrescentar o recorte de gênero tornaria a análise demasiadamente complexa. Vários estudantes de pós-graduação no Brasil usaram este livro como inspiração e referência.”

Antonia participou de muitas bancas, mesmo não sendo professora universitária. Expressivo exemplo é este e-mail recebido de um mestrando do IPPUR: "... pude descobrir seu livro na biblioteca. Uau! Que encontro! Seu livro me deu muita força para os enfrentamentos que tive no IPPUR em virtude da racialização da minha pesquisa."

A contribuição teórica a partir das principais publicações

Em sua tese, Antonia analisa a distribuição espacial dos indivíduos e a distribuição das residências nas duas cidades, Rio de Janeiro e Salvador, demonstrando que as desigualdades estão muito vinculadas à forma pela qual o racismo se introduziu e se desenvolveu na sociedade brasileira. A análise de indicadores de ocupação, educação, renda, bens urbanos e serviços de consumo coletivos evidenciam como a metrópole moderna recria a hierarquia racial, ou seja, a categorização racial é também um critério hierarquizador na sociedade. A autora busca, ainda, desvendar como o "racismo à brasileira" tem perpetuado as desigualdades raciais mediante a retórica anti-racialista, que reforça a naturalização de tais disparidades, e as práticas racistas continuam sendo tratadas como um não problema no país, embora o nosso cotidiano seja repleto de classificações raciais.

Contribuiu com mais de uma dezena de publicações em capítulos de livros e artigos como: *Contradições na cidade negra: Relações de gênero, raça, classe, desigualdades e territorialidade*, em *Saberes em Perspectiva* (2012), cujo resumo pode dar a dimensão de sua acuidade no problema:

Salvador, antiga capital colonial e contemporaneamente terceira maior metrópole brasileira, é a mais emblemática cidade do processo histórico brasileiro por sua densidade demográfica e cultural negras. Neste artigo fazemos uma análise teórica e empírica sobre as desigualdades socioeconômicas, sociorraciais por cor/raça e sexo para compreender as relações raciais e de gênero nos espaços concretos e simbólicos que marcaram nossa forma de organização do espaço. Os dados estatísticos e cartográficos foram baseados no Censo do IBGE 2000 e analisados socioespacialmente. Na pesquisa qualitativa, utilizamos entrevistas com diversos sujeitos sociais da cidade para analisar a percepção das pessoas sobre a dinâmica social-urba-

na, sobre racismo, sexismo, discriminação, etc. Assim, articulamos classe, gênero, raça e espaço como categorias centrais de análise nas suas interseccionalidades para compreender como o sexismo, racismo e classismo, ao hierarquizar os indivíduos segundo atributos físicos em superiores e inferiores, são determinantes na formação sócio-histórica no Brasil. Busca-se compreender esses fenômenos como estruturantes das desigualdades socioeconômicas e sociorraciais e culturais como se expressam no espaço urbano, particularmente as territorialidades negras e femininas e seus múltiplos significados, para pensar os processos coletivos, os processos libertários, o Direito à Cidade nas perspectivas feminista, anti-racista e anti-classista (GARCIA, 2012).

Em *Desigualdades Raciais e Segregação Urbana Contemporâneas*, nos anais Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR), realizado em maio de 2007, ela faz a seguinte discussão:

Neste artigo fazemos uma análise das desigualdades raciais e a segregação urbanas em Salvador e Rio de Janeiro utilizando os microdados do Censo do IBGE de 2000 e recorte territorial por AED - Área de Expansão Demográfica. Partindo da tentativa de compreender a forma particular pela qual o racismo se introduziu e se desenvolveu na sociedade estudada e as desigualdades raciais e segregação residencial, visando compreender a organização sócio-territorial em diferentes abordagens. Analisam-se ainda as mudanças demográficas, socioeconômicas, sociais e simbólicas e o processo de branqueamento ligados aos incentivos à imigração europeia e seus significados na cidade contemporânea, com o estudo da distribuição espacial da população urbana por cor ou raça, através de mapas temáticos objetivando a repartição de diferentes indicadores no território das cidades. Tomando a variável cor ou raça como central para construção dos indicadores de bens urbanos e serviços de consumo coletivos verificamos como a metrópole moderna recria a hierarquia racial, examinando a distribuição espacial dos indivíduos e a distribuição das residências para compreender como a estratificação social e racial dos indivíduos se vincula com os locais de moradias e as oportunidades sociais a que dão acesso (GARCIA, 2007).

Este outro artigo recupera os seus estudos anteriores acrescentando novos conhecimentos: *Relações de Gênero, Raça, Classe e Desigualdades Sócioocupacionais em Salvador*, e foi produzido para o Congresso Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, realizado em Florianópolis, de 23 a 26 de agosto de 2010.

Este artigo tem como objetivo analisar as desigualdades raciais, espaciais e de gênero em Salvador com a variável ocupação, a partir da interseccionalidade de gênero, raça e espaço. Empiricamente analisamos as desigualdades sociorraciais urbanas e de gênero na histórica divisão racial do espaço brasileiro, através do Censo IBGE 2000 e divisão territorial por Área de Expansão Demográfica do mesmo instituto. É central, em nossa metodologia, entender os fatores condicionantes da situação social dos grupos étnicos e femininos que coexistem em Salvador, bem como as relações que mantêm entre si através da estratificação social inscrita no espaço urbano. Compreender as circunstâncias históricas particulares que as engendraram e fazem com que “não sejam duas realidades independentes, mas apenas dois ângulos pelos quais pode ser observada a configuração única e total das relações de classe e raça no Brasil” (PINTO, 1998, p. 87). Neste artigo entendemos classe como: “um conjunto de relações sociais que define uma posição objetiva na sociedade; aquelas relações e essas posições não são fixas e imutáveis, pois mudam com a transformação histórica da organização social da produção (PINTO, 1998, p. 90) (GARCIA, 2010).

Neste último artigo publicado em revista, observamos que Antonia Garcia ampliava sua observação para outros espaços: *Espaço, gênero e raça: os movimentos sociais e os desafios contemporâneos*, publicado na Revista da ABPN, em 2020:

Neste artigo vamos refletir sobre as origens e histórias comuns da América Latina, Caribe e África considerando-se que o sistema colonial escravista moldou nossas sociedades e cidades, e o Brasil nesse contexto. A construção eurocêntrica das sociedades e cidades no chamado Novo Mundo, tem seu tripé no colonialismo-escravismo, patriarcalismo-racismo e no mercantilismo-capitalismo, que também produziu modelos explicativos que alimentam até hoje uma perversa engrenagem teórico-ideológica-política que favorece a reprodução de desigualdades e a perpetuação no po-



Figura 3: Bloco das Zeferinas (Carnaval de 2020). Da esquerda para a direita: Eliana Santana, Joseane Cruz, Claudia Santos, Antonia Garcia, Bárbara Alves e Patricia. Fonte: acervo pessoal



Figura 4: Antonia Garcia, durante a Mudança do Garcia, na Folia Feminista, com cartaz reivindicando a Secretaria Estadual dos Direitos da Mulher. De pé, Carol. Sentada, Eulalia, do Neim. (s.d.) Fonte: acervo pessoal

der dos grupos brancos hegemônicos. Enfrentar a metodologia da omissão na perspectiva da raça, gênero, classe e espaço nesses continentes é crucial para projetos de emancipação humana e superação do sistema de opressão universal (GARCIA, 2020).

A vida é também uma festa

Como uma boa militante, Antonia Garcia participava com entusiasmo das atividades festivas promovidas pelas entidades, pelo partido e pela universidade. Com apoio do NEIM, e reeditando uma antiga tradição do bairro operário descoberta por Cecília Sardenberg, promoveu com o CEM a saída do "Bloco do Bacalhau" (que as operárias da antiga fábrica faziam após o trabalho) por anos durante o Carnaval em Plataforma, o qual se tornou depois o "Bloco das Zeferinas", em homenagem a Maria Zeferina Baldaia, chefe do Quilombo do Urubu, também naquela região.

A vida de Antonia foi um grito contra a desigualdade. Ela usou todas as suas forças para lutar contra essas desigualdades de todas as maneiras e conseguiu sensibilizar mentes e corações de muitas e muitas pessoas. Este é o seu principal legado e assim será lembrada a nossa mulher de raça.

Quanto à Universidade, passou a fazer trabalho remoto por força da pandemia de Covid-19. Em 2020 e 2021 era ela quem nos guiava nas análises de conjuntura nas reuniões mensais do NEIM, quem nos elucidava no planejamento de nossas ações, sobretudo em relação aos movimentos sociais em Salvador.

De fato, perderam hoje, junto a nós, os movimentos de mulheres, o movimento negro, os movimentos de bairros de Salvador, o Partido dos Trabalhadores e a esquerda brasileira, como um todo, essa nossa batalhadora das mais atuantes, das mais dedicadas e das mais lúcidas, cuja ausência se fará sentir por todas e todos nós que a tínhamos como amiga, parceira e companheira – ainda mais neste momento quando temos pela frente grandes batalhas pela reconquista e reconstrução do nosso Brasil.

Ficam aqui os nossos mais profundos sentimentos para com seus familiares, seu companheiro Agenor, seus filhos, os netos lindos dos quais ela tanto se orgulhava.

Notas

1 Este texto foi construído usando como base “Antonia dos Santos Garcia, uma breve biografia”, escrito pela família e distribuído pelas redes sociais. Os trechos em itálico são citações escritas por ela, segundo o documento. Utilizamos também arquivos do NEIM, dentre outros.

Referências

CLAUDIA, A.; LÓPEZ, C.; GARCIA, A. Rompiendo las amarras: el movimiento de mujeres em la periferia de Salvador. **Cuadernos da África e América Latina**, Madrid, n. 9, 1992.

COSTA, A. A. A. (org.). **Creche comunitária: uma alternativa popular**. Salvador: NEIM/UFBA; EGBA; SEC, 1991.

GARCIA, A. dos S. **Mulheres da cidade d’Oxum: relações de gênero, raça e classe e organização espacial do movimento de bairro em Salvador**. Salvador, BA: EDUFBA, 2006.

GARCIA, A. dos S. desigualdades raciais e segregação urbana contemporâneas: Salvador, Cidade d’Oxum e Rio de Janeiro, Cidade de Ogum. In: XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - XII ENANPUR, Belém, 2007. **Anais ENANPUR**, Belém, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenapur/article/view/1193>>. Acesso em: 05 jul. 2022.

GARCIA, A. dos S. **Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade d’Oxum, Rio de Janeiro, cidade de Ogum**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2009.

GARCIA, A. dos S. Relações de Gênero, Raça, Classe e Desigualdades Sócioocupacionais em Salvador. In: Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, Florianópolis, 2010. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <[\[ARQUIVO_ArtigoCongressoCienciasSociais.pdf\]\(#\)>. Acesso em: 05 jul. 2022.](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1275930508_</p></div><div data-bbox=)

GARCIA, A. dos S. Contradições na cidade negra: Relações de gênero, raça, classe, desigualdades e territorialidade. **Saberes em Perspectiva**, v. 2, n. 2, p. 33-51, 2012.

GARCIA, A. dos S. Espaço, gênero e raça: os movimentos sociais e os desafios contemporâneos. **Revista da ABPN**, v. 12, n. 34, p.32-53, 2020. Disponível em: <<https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1131>>. Acesso em: 05 jul. 2022.